

**Eça de Queirós e Machado de Assis:  
contribuições históricas para a literatura infanto-juvenil**

Elizete Dall'Comune Hunhoff<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este texto é uma análise de viés comparatista das tendências da literatura infantil e juvenil, ocorridas na segunda metade do século XIX, em Portugal e no Brasil. Optou-se por averiguar até que ponto grandes escritores dessa época influenciaram e foram influenciados pela política didático-pedagógica.

**ABSTRACT:** This essay is a comparative analysis on the trends of literature for children and youth that had written in the second half of the nineteenth century, in Portugal and Brazil. It was chosen, in this paper, to verify to what extension the great writers in this period influenced and were influenced by didactic-pedagogic politics.

**PALAVRAS-CHAVE:** Literatura infanto-juvenil; Literatura comparada; Leitura  
**KEYWORDS:** Literature for Children and Youth; Comparative literature; Reading

A literatura para crianças, iniciada por volta do século XVII, ainda suscita polêmica quanto à forma ideal: pertence à área literária ou à área pedagógica? Tem finalidade didática ou lúdica? Pretende instruir ou divertir? São problemas (COELHO, 2000, p. 46) ainda longe de serem totalmente resolvidos, mas que pertencem a essas duas áreas distintas, simultaneamente: a da arte e a da pedagogia, incorporadas nas próprias raízes da literatura infantil, a qual, desde os primórdios até a entrada do Romantismo teve a *literatura fantasia* como forma privilegiada.

A descoberta da criança como *ser* diferente do *ser* adulto, com interesse e reação definida, começa a se definir à medida em que o cientificismo se impõe como possibilidade de conhecimentos e o Realismo passa a dominar a literatura como forma de revelar o mundo. Nessa época, o infante deixa de ser considerado um “adulto em miniatura, para receber a atenção especial como um ser em formação, cujo potencial deve-se desenvolver em liberdade” (COELHO, 2000, p. 27), sendo a sua educação

---

<sup>1</sup> Mestrado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa – USP/SP.  
Contato: elizetedh@hotmail.com

não mais disciplinadora e punitiva, mas orientada no sentido de alcançar total plenitude em sua realização.

Machado de Assis e Eça de Queirós são dois grandes escritores que muito contribuíram para despertar em outros autores a preocupação com a leitura destinada às crianças e aos jovens, e para que o gênero *infanto-juvenil* fosse adquirindo forma. No século XIX ainda não havia a intenção, por parte da maioria dos escritores, de se criar algo específico para o público infanto-juvenil, mas sim, de se escolher textos agradáveis, adequados, que auxiliassem na formação do gosto e do caráter e que levasse o jovem leitor, desde os primeiros tempos, a se preparar para se tornar um *homem de bem*.

Em Portugal, a atuação de Eça de Queirós muito contribuiu para essa mudança de paradigma, pois, mesmo o escritor não tendo escrito nada diretamente para esse público, o infanto-juvenil, o autor procurou fazer uma análise panorâmica e crítica a respeito da Literatura Infantil e Juvenil daquela época, como aparece em *Cartas de Inglaterra*, crônica: *Literatura de Natal* (IN. GÓES, 1998, p.38). Essa, considerada em suas linhas e entrelinhas, revela, além de conhecimentos, a consciência de quem assumia o outro – a Criança, principalmente.

Constatamos que, no Brasil, já havia nessa época, no final do século XIX, uma relativa produção destinada às crianças e aos jovens. Pode-se citar Olavo Bilac, Figueiredo Pimentel com *Histórias da Carochinha*, dentre outros. Machado de Assis, a exemplo de Eça de Queirós, não escreveu para o público infanto-juvenil diretamente, porém, em sua obra é possível verificar a sua preocupação em analisar a sociedade em que a criança está circunscrita. E, ao fazê-lo, percebe-se claramente as críticas dirigidas ao sistema social organizado, responsável pelo destino dos pequenos.

Na obra *Memórias póstumas de Brás Cubas* (ASSIS, 1999, p. 55), como no *Conto de escola* (ASSIS, 1998, p. 23), para citar alguns, observamos claramente a preocupação do autor em mostrar ao mundo as necessidades do *ser* criança. Nesses textos, o questionamento se dirige à instituição escolar, a qual desconsidera os interesses da criança e procura impor-se autoritariamente.

Unamos agora os pés e demos um salto por cima da escola, a enfadonha escola, onde aprendi a ler, escrever, contar, dar cachuletas, apanhá-las, e ir fazer diabruras, ora nos morros, ora nas praias, onde quer que fosse propício a ociosos. // Tinha amarguras nesse tempo; tinha os ralhos, os castigos, as lições árduas e longas, e pouco mais, mui pouco e mui leve. Só era pesada a palmatória, e ainda assim... (ASSIS, p. 55)

Percebe-se, na descrição acima, que há uma relação de afeto do narrador para com a escola. Apesar dos castigos, a escola é vista como algo bom, que deixa saudade naqueles que por ela passam. Já no texto *Conto de escola*, o narrador-personagem descreve com riqueza de detalhes o rigor que se passava no ambiente escolar, onde o aprendiz não tem direito à voz, mas nem por isso deixa de sonhar, de fazer diabruras, de construir utopias de escapismo para sua vida. O autor mostra a criança como um ser criativo, que não se deixa moldar pelo sistema.

(...)De repente disse comigo que o melhor era a escola. E guiei para a escola. Aqui vai a razão. // Na semana anterior tinha feito dous suetos, e, descoberto o caso, recebi o pagamento das mãos de meu pai, que me deu uma sova de vara de marmeleiro. (...) (ASSIS, 1998, p. 23)

Tem-se aí uma pequena representação de como era a sociedade, não de qualquer parte, mas da familiar e da escolar, daquelas que podem dar sentido significativo à criança e ao jovem, positiva ou negativamente.

Na rua encontrei uma companhia do batalhão de fuzileiros, tambor à frente, rufando. Não podia ouvir isso quieto. Os soldados vinham batendo o pé rápido, igual, direita, esquerda, ao som do rufo; vinham, passaram por mim e foram andando. Eu senti uma comichão nos pés, e tive ímpeto de ir atrás deles. Já lhes disse: o dia estava lindo e depois o tambor... Olhei para um e outro lado; afinal, não sei como foi, entrei a marchar também ao som do rufo, creio que cantarolando alguma coisa: *Rato na casaca...*(ASSIS, 1998, p. 31)

O narrador estabelece pontes entre a ingenuidade da personagem e os pensamentos mais complexos do leitor. O autor usa da ironia para criticar as opções e valores da personagem ao mostrar, no conto, que o narrador e o leitor sabem mais que a personagem, sobre a situação desta última. Percebe-se claramente que a arte e o engenho de Machado de Assis

estão em tornar natural essa ironia, embora presentes em cada parágrafo, frase, ou palavra, de forma tênue e quase invisível. No conto citado tem-se um herói, criança, que vence algumas provas para encontrar a felicidade.

Nesse conto, o narrador se refere à Regência, período entre a renúncia de D. Pedro I e o golpe conservador que proclamou a maioria de D. Pedro II, em 1846. Daí a ironia de todo o conflito aparecer em função de um velho e rabugento professor. A ironia é o caminho escolhido pelo autor para analisar a sociedade da época.

Eça de Queirós, em *Cartas da Inglaterra*, comenta a respeito dos livros dados como presentes natalinos para as crianças, e, imprime uma severa crítica ao referir-se aos *volumes dourados* comparados às fachadas de catedrais, que por custarem muito caro ninguém os lia, e serviam de ornamentos. Critica as ilustrações em *figuras de aço* que só podiam ser vistas de longe. Por isso os pequenos nada aproveitam desses *monumentos tipográficos*. Denuncia o zelo das mães em relação ao possível estrago das obras ao serem manuseadas pelos filhos. Por isso, os livros de Literatura Infantil serviam de objeto de decoração nas salas residenciais da sociedade portuguesa.

Uma das cousas encantadoras que nos traz o Natal, são esses lindos livros para creanças, que constituem a literatura de Natal. // Não fallo d'esses extraordinários volumes dourados, publicados pelos editores franceses em encadernações decorativas como fachadas de cathedraes, que custam uma fortuna, contém um texto que nunca ninguém lê, e são oferecidos às creanças, mas realmente servem para obsequiar os papás. Os pobres pequenos nada gozam com esses monumentos typhographicos; apenas se lhes é permitido ver de longe as gravuras de aço, sob a fiscalização da mamã, que tem medo que se deteriore a encadernação; e o resplandecente volume orna d'ahi por deante a jardineira da sala, ao lado do candieiro vistoso. (QUEIRÓS. *in*. GÓES, 1998, p. 39)

O autor enaltece o ato de atribuir livros como presentes às crianças, porém, critica ferozmente o utilitarismo dos ricos volumes, pretensamente destinado aos jovens leitores, mas que, na realidade, destinavam-se a satisfazer os ideais paternos, livros luxuosos, ornatos, impróprios à leitura.

O autor denuncia a situação de precariedade literária destinada às crianças em Portugal. Cita países semelhantes a Portugal geograficamente,

mas que servem como modelos para a Literatura Infanto-Juvenil, tais como a Holanda e a Suécia. Considera a criança portuguesa viva e inteligente e acrescenta sua contrariedade à possível perda dessas qualidades, que coincidem com o início da idade da razão.

A Bélgica, a Holanda, a Alemanha, prodigaliam estes livros para crianças; na Dinamarca, na Suécia, elles são uma glória da literatura e uma das riquezas do mercado. (...) // Eu às vezes pergunto a mim mesmo o que é que em Portugal lêem as pobres creanças. Creio que lhes dá Felinto Elysio Garção, ou outro qualquer d'esses mazorros sensaborrões, quando os infelizes mostram inclinação para leitura. // Isto é tanto mais atroz quanto a creança portuguesa é excessivamente viva, inteligente e imaginativa. Em geral, nós outros, os portugueses, só começamos a ser idiotas - quando chegamos à idade da razão. Em pequenos, temos todos uma pontinha de gênio(...) (QUEIRÓS. *in.* GÓES, 1998, p. 40)

Em tom mordaz, discorre sobre a situação de oferta de livros infantis em Portugal, em nível de conteúdo e de forma. Eça de Queirós tece comparações entre países: Inglaterra, Portugal e Brasil. Elogia o primeiro, onde existe uma verdadeira Literatura para crianças, com público, mercado editorial e gênios. Diz que lá, quando a criança começa a soletrar já tem à disposição obras adoráveis: de linguagem clara, tipos enormes e obras de arte. Refere-se criticamente a Portugal: *Em Portugal nada*. Ao dirigir-se ao Brasil, declara não conhecer o que se passa aqui, no que se refere à Literatura Infantil, mas ainda assim imprime intenções alvissareiras para os escritores e desenhistas brasileiros que preparassem bons livros, motivando-os. Procura convencer os leitores da real necessidade desses livros e de sua alegria, se chegar a ver esse ideal concretizado.

Não sei se no Brazil existe isso. (...) // Mas, enfim, se estas linhas animassem ahi no Brazil, ou entre a colônia portuguesa, um escriptor, um desenhista e um editor, a prepararem alguns bons livros, bem engraçados, bem alegres para os bebês – eu teria feito ao próprio império um serviço colossal, que não sei como me poderia ser recompensado. (QUEIRÓS. *in.* GÓES, 1998, p. 41)

As palavras de Eça de Queirós, para a época, foram realmente preconizadoras de novos tempos; pois continuam servindo de alicerces e

cauterizando toda a crítica literária, embora, hoje, possa-se vislumbrar um certo teor preconceituoso em seu discurso: “Muitas senhoras, inteligentes e pobres, se poderia empregar em escrever essas fáceis histórias: não é necessário empregar o gênio de Zola ou de Thacheray para inventar o caso dos três velhos sábios de Chester.(...)” (QUEIRÓS. *in*. GÓES, 1998, p. 41).

O discurso de Eça é alvissareiro em relação à educação das crianças e jovens, porém, mostra-se bastante imaturo ainda quanto à forma e aos conteúdos dessa literatura, quando se refere a *fáceis histórias*, se comparadas às contemporâneas. Também relega-a a mulheres pobres e desempregadas, a idéias fáceis, que não exigem muita imaginação. Todavia, tem-se que levar em conta que Eça era um homem de seu tempo, preso ao ideário de então e do qual, infelizmente, ainda hoje encontramos teóricos presos ao passado, que os defendam. Quanto a esse assunto vale à pena mencionar o que diz Lúcia Pimentel Góes:

Eça, na mais louvável das intenções, resolveria ou acertaria duas misérias de uma só vez: segmento numeroso de mulheres “inteligentes” (subentendido ficou outro contingente numeroso, das não inteligentes), infelizes mulheres inteligentes, ainda por cima eram pobres. Pronto, resolvido, o problema, arranjariam emprego, pois não é exigido gênio...(..). Homens inteligentes, sem dúvida não estariam, nem teriam dificuldade em conseguir emprego. Nada a comentar, nada mais humano que deslizes ou contradições, eis nossa RESSALVA... (GÓES, 1998, p. 37)

A autora não deixa de reconhecer a importância de Eça no contexto literário e social em que estava inserido, porque esse, em seus fios construtivos levanta uma questão pertinente a toda literatura, bem como à educação dos pequenos, mostrando-se sensível ao processo evolutivo cultural. Em seus enunciados mostra claramente a consciência do sentido histórico, social e ideológico que todo escritor deve ter, provocando no leitor uma reflexão.

### **Considerações finais**

Como Abdala Jr., acreditamos que todo escritor traz em seu discurso toda a ideologia que está na sociedade, segundo ele: “Ninguém cria do nada.

(...) Quando o escritor escreve, pode julgar que o texto é apenas seu. Não tendo consciência de que na verdade é a sociedade que se inscreve através dele” (1988, p 23). Diante dessas palavras, compreende-se que o escritor é fruto do contexto social da época. Época em que as classes minoritárias não tinham voz. Tanto as crianças como as mulheres e os negros viviam sob o jugo preponderante dos homens, ou da sociedade patriarcal machista e escravocrata, em sua maioria.

O estudo comparativo com as literaturas dos escritores Eça de Queirós e Machado de Assis ganha peso ideológico pelo caráter reflexivo, irônico, inovador, e, sobretudo, crítico/realista em mostrar o estado de coisas que era comum na sociedade. Ambos, ao mesmo tempo que criticam, propõem alternativas: Eça, de maneira mais clara e direta, argumenta sobre a real necessidade de oferecer livros aos jovens leitores; Machado, com seu ferino espírito crítico/irônico leva o leitor, o ideal e o real, a refletir sobre o contexto em que se encontra a escola, a criança e a sociedade. A ironia maior de Machado de Assis é mostrar a vida da criança, no conto estudado, como passageira, fugaz, como uma charada quase imperceptível.

### **Referências Bibliográficas:**

ABDALA JR., B. *Literatura, História e Política*. São Paulo: Ática, 1988.

\_\_\_\_\_. *Eça de Queirós. Literatura Comentada*. São Paulo: Abril Educação, 1980.

ASSIS, Machado de. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. In.: Curso de Redação, vol.2,4. ed., São Paulo: Moderna, 1999, p.55.

\_\_\_\_ in ARCHEAR, F. *Contos – Machado de Assis*. 5. ed. São Paulo: CERED/Objetivo, 1998.

CARVALHAL, T F; COUTINHO, Eduardo F. (orgs.). *Literatura Comparada*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

COELHO, N. N. *Literatura Infantil*. Teoria, análise, didática. São Paulo: Contexto, 2000.

GANCHO, C V. *Como Analisar Narrativas*. São Paulo: Ática, 1991.

GÓES, L. P. *Em Busca da Matriz*. São Paulo: Cliper Editora, 1998.

\_\_\_ *Introdução à Literatura Infantil e Juvenil* 2. ed., São Paulo: Pioneira, 1991.

LAJOLO, M; ZILBERMAN, R. *Literatura Infantil Brasileira: História & Histórias*. São Paulo: Ática, 1985.

QUEIRÓS, E. *Cartas de Inglaterra*. In. GÓES, L. P. *Em Busca da Matriz*. São Paulo: Cliper Editora, 1998.

\_\_\_ *Cartas de Inglaterra*. Literatura de Natal. *Gazeta de Notícias*. 15 de outubro de 1881.